

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DANIELA CRISTINA DIEHL DE OLIVEIRA

**REPENSANDO A EDUCAÇÃO INFANTIL ATRAVÉS DE
TEORIAS ALIADAS À PRÁTICA**

**AMERICANA
2006**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DANIELA CRISTINA DIEHL DE OLIVEIRA

**REPENSANDO A EDUCAÇÃO INFANTIL ATRAVÉS DE
TEORIAS ALIADAS À PRÁTICA**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia
– Programa Especial de Professores em
Exercício, nos municípios da Região
Metropolitana de Campinas, da Faculdade de
Educação da Universidade Estadual de
Campinas, como um dos pré-requisitos para a
conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

**AMERICANA
2006**

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

OL4r Oliveira, Daniela Cristina Diehl de
Repensando a educação infantil através de teorias aliadas à prática :
memorial de formação / Daniela Cristina Diehl de Oliveira. – Campinas, SP :
[s.n.], 2006.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1. Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-601-BFE

Dia a dia nega-se às crianças o direito de ser criança. Os fatos, que zombam desse direito, ostentam seus ensinamentos na vida cotidiana. O mundo trata os meninos ricos como se fossem dinheiro, para que se acostumem a atuar como o dinheiro atual. O mundo trata os meninos pobres como se fossem lixo. E os do meio, os que não são ricos nem pobres, conserva-os atados à mesa do televisor, para que aceitem desde cedo, como destino a vida prisioneira. Muita magia e muita sorte têm as crianças que conseguem ser crianças.

Eduardo Galeano

SUMÁRIO

1-	INTRODUÇÃO	01
2-	MINHA INFÂNCIA	02
2.1-	LEMBRANÇAS DO TEMPO ESCOLAR	04
2.2-	E AGORA... O QUE FAZER?	07
2.3-	O MAGISTÉRIO	08
3-	A CAMINHADA RUMO À CONQUISTA	10
3.1-	RUMO AO VESTIBULAR	11
3.2-	A UNICAMP	13
4-	A CRECHE	17
4.1-	A AFETIVIDADE NA CRECHE	19
4.2-	A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR	22
5-	CONCLUSÃO	25
6-	BIBLIOGRAFIA	27

Agradecimentos

Agradeço a Deus pela vida e pela oportunidade de fazer parte do PROESF, pela garra ao escrever este memorial.

Agradeço a minha mãe, Benedita e ao meu pai, Luiz pelo apoio aos estudos e também pela ajuda contínua no decorrer deste curso. Graças a eles pude Ter a vida repleta de experiências, onde as mesmas contribuíram muito para a formação plena do meu ser.

Sou muito grata ao meu marido Leonaldo, pelo carinho, paciência e apoio durante o processo de minha aprendizagem, durante o PROESF. E também pelas inúmeras noites de espera!

Ao meu lindo e querido filho Gabriel, minha eterna gratidão. Pois só o fato dele existir, faz de mim uma mulher persistente para lutar e conseguir superar os momentos difíceis, através seu sorriso, quando cansada e estressada, sem energia para continuar, ele descia as escadas tarde da noite, só para me dizer “eu te amo, mamãe e quero ficar aqui com você...” Apesar de sua tenra idade, agradeço-lhe pelas lições de moral, quando eu estava prestes a desistir, agradeço-lhe pelas inúmeras vezes que o deixei sem minha companhia, para assim poder estudar. Enfim, agradeço-lhe pela sua existência e por aquilo que nos une... o verdadeiro amor!

Sou grata aos meus irmãos: Fernando, Fabiano, Eduardo e Angélica... pela paciência para suportarem meus momentos de mau humor, causado pelo cansaço, pelas diversas “festinhas” onde nos divertíamos, proporcionando assim distração a todos da família Diehl.

Às minhas colegas de classe e em especial às amigas Laine Cunha, Carine, Dri Vilallon, Cíntia Karina e Cíntia Marcela, agradeço pela troca de experiências, pelos ombros amigos sempre disponíveis nos momentos críticos, que sem os mesmos talvez desistisse no caminho.

Agradeço a todos os meus professores, desde a infância, pelos aprendizados, carinhos, broncas... pois cada um, à sua maneira, contribuiu para a construção da minha bagagem, onde com a mesma consegui hoje estar aqui escrevendo meu Memorial.

Às amigas de trabalho – Sandra, Cida, Rosa, Nina, Graça, Marlene, Adriana, Léa, Lucimara, Milene – pela troca de vivências, pelos debates acalorados e discussões sobre paradigmas, referencias teóricos e melhor forma de atuação do nosso trabalho – minha sincera gratidão.

Agradeço a todos os meus alunos, desde os bebês até o pessoal da EJA, pois são

eles o motivo pelo qual persisto em continuar nesta estrada cheia de curvas perigosas (perdas), porém repleta de lindas paisagens (conquistas), onde o ponto de chegada é a Educação.

A todos que de uma maneira ou outra contribuíram para a formação e constante transformação do meu ser.

Aos professores do PROESF, agradeço pela oportunidade de participar de um curso maravilhoso como este... e finalmente, agradeço a todos os leitores, pois sem os mesmos, não haveria razão para a elaboração e desenvolvimento deste Memorial.

1- APRESENTAÇÃO

Este memorial tem como objetivo, apresentar um pouco da minha trajetória pessoal, escolar e profissional, enfatizando a importância da afetividade em todos os momentos em que vivi.

Abordarei com maior ênfase a Educação Infantil, que afinal, é o eixo norteador desse trabalho. Minhas discussões serão acerca de como ela é instituída pelas leis educacionais, sobre suas transformações desde que eu era criança (minha visão como aluna de Educação Infantil), como ela se dá na realidade prática (minha visão como funcionária de uma instituição pública) e, finalmente, sobre a minha esperança como educadora de creche, de que um dia ela cumpra ao menos a metade da proposta idealizada pelos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

No desenvolvimento do trabalho, abordarei minhas impressões sobre as aulas, professores e o reflexo de todo o conhecimento adquirido na faculdade na minha docência. É possível que eu tenha cometido equívocos sobre algumas impressões, pedindo desculpas por supostos enganos. Porém, o que nos faz sentido e que carregamos para sempre como bagagem ou repertório teórico é aquilo que nos “marca”, quer seja positiva, quer seja negativamente.

Meus critérios de escrita, sempre são a honestidade e veracidade, mesmo que isso me custe prejuízos, que de antemão já os calculo. Na verdade, o que expresso é o que muitos pensam, sentem, percebem, mas não têm coragem de levantar a voz.

2- MINHA INFÂNCIA

As coisas simples são as mais extraordinárias.
Paulo Coelho.

Lembro-me que gostava de brincar com meus irmãos e primos.

Desde que nasci até me casar, morei sempre na mesma casa. Nessa casa, morávamos eu, meus pais e meus quatro irmãos e ao lado da nossa casa, morava meu tio (irmão de meu pai), esposa e seus quatro filhos. Então, éramos nove crianças que conviviam juntos o dia todo (sem contar as crianças da rua). Brincávamos de escolinha, amarelinha, pique-esconde, pega-pega etc.

Hoje, após a leitura da vários textos em sala de aula, percebo o quanto fui feliz, pois vivenciei o lúdico efetivamente, brincando na rua, montando cabanas na calçada da rua para brincar de casinha, experimentamos até cozinhar, empinava pipa, pulava elástico, podia ir à escola sem a companhia de um adulto e sem meus pais se preocuparem com a violência urbana, trânsito perigoso. Confesso que brinquei de casinha até meus 16 anos. Ah! Tempo bom que não volta mais...

Assim percebo que, ainda hoje, não deixei de ser criança, a qual transforma qualquer objeto em brinquedo, que ainda ama andar de mãos dadas com os irmãos, criança que viveu sua infância, com a pureza da inocência...

Na minha infância, aflorei minha curiosidade, imaginação, através dos contos de fadas, aprendi a viajar através dos livros... Como toda criança “normal”, sempre fui peralta, brincava na rua até o entardecer... “Aprontava” muito com meus irmãos e as demais crianças da rua onde morávamos, e como eram menores que eu, às vezes até importunava-os.

Naquela época não existia tanta violência – assaltos, estupros, seqüestro... Hoje sei que violência sempre existiu, mas naquele “nosso mundo” era inexistente, pois violência era rara e característica de grandes centros urbanos.

Assim, podemos perceber hoje, como as crianças não têm a liberdade de brincar na rua, de se divertir diante das “peraltices e molecagem” que as brincadeiras de rua proporcionavam. Nesse sentido, percebemos que o furto do lúdico se torna constante na vida das crianças que vivem nos dias atuais.

Como a sociedade mudou, com ela as crianças também, hoje não mais “conseguem” suportar o sistema escolar o dia todo, tal como se encontra. Por isso, cabe a nós educadores proporcionar às crianças o que à elas é negado nesse novo modelo de sociedade: o lúdico na escola, o brincar pelo brincar, a proposta de atividades diferentes nas quais o afeto, prazer, diversão estejam presentes a todo instante. Principalmente, para as crianças da primeira infância que passam o dia inteiro longe dos pais em creches. E quando estão junto deles, não recebem atenção e amor de que precisam pelo fato desses pais não “terem tempo para essas coisas”.

Hoje, é raro vermos famílias unidas porque a estrutura familiar mudou muito nos últimos anos, tornando raro até, estarem todos reunidos junto à mesa durante as refeições...

É gozado... há feministas e machistas, há ecologistas e comunistas, há socialistas e nacionalistas, há capitalistas e outros. Só não há criancistas, que é muito importante. Mas, para isto acontecer é preciso que as crianças, ao crescer, se lembrem do que é ser criança, que todos acham que é boba, burra e fraca, que não entra em cinemas, não pode ver o avô e outros parentes no hospital. Essa é a criança de hoje.

Talvez isso mude depois.^[1]

Convivendo com essa “nova infância”, essa nova realidade deixa claro como essas crianças já possuem mentalidades e comportamentos de pessoas adultas, ou seja, são tratadas e vistas como mini-adultas. O que diferencia o adulto da criança é a responsabilidade, seriedade, dedicação às atividades, que desempenha no seu dia a dia. Ao contrário da criança onde sua vida é pura imaginação e espontaneidade, tudo o que realiza é por curiosidade, não se preocupando com os resultados de suas ações.

Sendo assim, nós educadores temos que refletir sobre nossas ações pedagógicas e nosso planejamento, a fim de contemplar a criança num todo, onde a escola proporcione a ela, condições materiais, pedagógicas, culturais, sociais, humanas, alimentares etc.

E contudo, a escola deve proporcionar a utilização do lúdico como um recurso pedagógico, pois é através do brincar que ela se desenvolve e vive plenamente sua infância...

^[1] Paulo – 11 anos (em 1983), fragmento de redação publicado na Folha de São Paulo, 30/05/1985, p.27.

2.1- LEMBRANÇAS DO TEMPO ESCOLAR

*Ensinar e aprender são movidos
pelo desejo e pela paixão.*
Paulo Freire.

Começar a ir para a escola foi tão mágico que me lembro como se fosse hoje: entrei no meu primeiro dia de aula sem chorar, com tanta alegria como se fosse para uma festa...



Quando tinha cinco anos e meio, comecei a freqüentar a Escola Municipal de Educação Infantil Itaipu, eu adorava aquela escola, era tudo tão gostoso, tudo adequado ao nosso tamanho: as louças sanitárias, as mesinhas, cadeiras, os brinquedos etc. O cheirinho delicioso de merenda que a “tia” Benedita fazia, parece ficar no meu pensamento até hoje. Gostava tanto de lá, e gosto ainda, pois matriculei meu filho lá e depois de se passar mais de vinte anos, sempre me pego olhando por tudo naquela escola quando vou levar meu filho

para a aula, me sinto parte daquela escola e isso facilitou a adaptação do meu filho, pois relatei a ele como era bom e gostoso estudar na EMEI...

Lembro-me que estudei na EMEI Itaipu por dois anos, pois naquela época não podia frequentar a primeira série com menos de sete anos. No primeiro ano (em 1981), a minha professora foi a “tia Cecília”, ela era carinhosa, paciente, era muito bom ficar em sua companhia. Sempre fiz todas as atividades com muito capricho, exceto as tarefas de casa, que fazia sempre depois de ter brincado bastante e acabava “relaxando” um pouco, mas minha mãe (sempre muito perfeccionista) apagava e exigia que eu refizesse toda a lição. Hoje agradeço a minha mãe, que me ensinou através de sua rigidez e modo tradicional, a ser mais organizada e até perfeccionista, gosto de ser assim, tenho certeza que tudo o que faço, cuido para que seja bem feito, caso contrário, refaço.



No ano de 1982 minha professora foi a “tia Regina”, também atenciosa, carinhosa, eficaz, mas me lembro que ela comentava com minha mãe que tudo o que ela propunha para a classe eu fazia muito rápido, hoje acho que foi pelo motivo de ter que cursar a pré-escola por dois anos consecutivos.

Durante esse ano, demonstrei um “encantamento” para com o fato de querer aprender a ler e escrever e o meu empenho foi tamanho que saí de lá sabendo escrever e ler todas as letras do alfabeto...

No ano de 1983 iniciei a 1ª série do primário (ensino fundamental). No primeiro dia de aula, já fiquei descontente, pois nessa escola – a Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau “Prof.a. Olympia Barth de Oliveira, senti que não tinha o mesmo aconchego, a sensação que tive, foi de frieza, hoje percebo que pelo fato de ser muito grande, ter muitos professores, alunos, salas etc. fez com que eu ficasse assustada.

Fui alfabetizada com a cartilha “Caminho Suave”, no método tecnicista, ou melhor foi ouvindo e vendo: “o Ivo viu a uva” e “o boi baba no bebê”, que aprendi a ler e escrever. Para mim, foi interessante, mesmo sendo uma cartilha. As professoras faziam com que decorássemos as frases, fonemas etc.



Hoje, fazendo a reflexão de como fui alfabetizada e como foi proposto para nós durante o PROESF, concluo que faz mais sentido o método atual, pois no método tecnicista, não se considerava o repertório cultural que o aluno trazia consigo.

Fiquei na escola “Olympia” de 1983 a 1992, onde cursei todo o 1º grau (da 1ª a 8ª série) e, na medida que os anos por ali iam passando, aumentava a minha certeza sobre a frieza com que os profissionais da educação tinha para com seus alunos.

Refletindo com a experiência que tive com a escola de educação infantil e depois com a escola de ensino fundamental, vejo que a afetividade estava mais presente no

trabalho dos profissionais da educação infantil, pois para esses profissionais o binômio *educar e cuidar* se faz presente, ainda que alguns educadores resistam a esse binômio, certos de que educar não inclui cuidar...

2.2- E AGORA, O QUE FAZER?

É justamente a possibilidade de realizar um sonho que torna a vida interessante.

Paulo Coelho.

Sempre tive o sonho de cursar Psicologia, mas nunca tive condições financeiras para realizar esse sonho, optei por um curso que fosse profissionalizante. Na “EEPSG Olympia”, onde cursei o 1º grau, só oferecia o curso de 2º grau inciso, então resolvi sair daquela escola e estudar em outra escola, que fosse pública e oferecesse o 2º grau técnico.

Infelizmente, não consegui vaga em nenhuma escola no ano de 1992, portanto fiquei esse ano sem estudar. Foi um ano que aproveitei para refletir bastante sobre qual profissão seguir, já que não tinha recursos financeiros para cursar Psicologia. Minhas opções resumiam-se àquilo que a escola pública tinha a oferecer: o curso de Magistério, na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau “Alcheste de Godoy Andia”, ou o curso de Secretariado, na Escola Técnica Estadual de Americana. A concorrência para uma vaga em escola pública era tão grande naquela época, que o jovem tinha que se submeter a provas em todas as escolas que pretendia estudar: fiz provas nas duas escolas que escolhi estudar e consegui passar na escola “Alcheste”, no curso de Magistério.

Até hoje, costumo dizer – com muito bom humor – que eu não escolhi o Magistério e, sim fui escolhida por ele.

2.2- O MAGISTÉRIO

Em 1993 ingressei na EEPSPG “Alcheste de Godoy Andia”, para cursar o Magistério.

Assim começou uma nova fase em minha vida. Acreditava que esse curso seria a solução para minha vida. Durante o curso foi renascendo dentro de mim a vontade que tinha de ser professora, quando ainda na infância, ao brincar de escolinha com meus primos e irmãos, sempre fazia o papel de professora.

Fui me identificando com o curso e com algumas disciplinas. Pelo fato de não ter vivenciado nenhuma teoria exposta no curso, fui aprendendo tudo de forma a me tornar grande defensora das teorias acerca das metodologias... até chegar o estágio.

Queria muito fazer o meu estágio na escola onde fui alfabetizada, mas como estava cursando o magistério em outra cidade (Santa Bárbara d'Oeste), não era permitido estagiar na escola Olympia, que localizava-se em Americana. A opção foi estagiar ali mesmo na escola Alcheste, até então estava correndo tudo bem.

Quando cheguei, no meu primeiro dia de estágio, comecei a decepcionar-me: a professora me recebeu sem entusiasmo algum, nem ao menos um pouco de hospitalidade... ali já comecei a pensar se realmente estava no curso certo. Durante aquele dia fiquei sentada na última carteira, observando e anotando, não me foi permitido auxiliar os alunos. Ao terminar a aula, fui levar minha planilha para que a professora assinasse a minha presença no estágio. Então, fiquei mais decepcionada ainda, quando ela me disse (após todos os alunos terem saído da sala) que assinaria a semana toda e que outra professora, que era sua amiga, assinaria mais uma semana, e disse mais: “Não precisa se dar ao trabalho de vir aqui todos os dias, hoje vou te entregar todas as atividades da semana para que você cole em seu caderno, dizendo que minhas aulas são boas. Afinal, o papel aceita tudo!”

Saí da sala com a planilha nas mãos por cima do meu material, minha vontade era rasgar a planilha e dizer-lhe algumas verdades, mas como não sabia argumentar, e poderia ainda ser muito prejudicada, acabei me calando.

Voltei para casa atordoada, não acreditava que aquilo estava acontecendo comigo. Era difícil aceitar aquela postura vinda de uma professora. Ao chegar em casa, minha mãe me perguntou: Como foi filha? Então respondi: Não foi, mãe e também acho que não vou! Então expliquei o ocorrido a ela, que como sempre, foi muito sensata dizendo que não

devíamos desistir tão fácil de nossos objetivos. Sem mais palavras, refleti sobre o fato a tarde toda...

Quando cheguei, à noite, para minha aula, procurei minha professora Ivânia, que era responsável pelo estágio. Contei a ela tudo o que aconteceu, mostrando a planilha assinada... ela ficou tão surpresa quanto eu, ainda mais por ser tratar de uma colega de serviço da mesma escola. Pensou por alguns minutos e me sugeriu que procurasse outra escola, dizendo que não poderia tomar providências contra aquela atitude da professora e que a mesma era efetiva, lecionava há mais de 15 anos ...

Fui estagiar em outra escola, que ficava em outro bairro da cidade. Ao chegar nesta outra escola, preparada para uma recepção nada calorosa, fui surpreendida pela disposição que a professora Vitória teve em me ajudar. Ela propôs que eu auxiliasse os alunos, conforme iam apresentando dúvidas. Como foi bom me sentir útil...

No final da aula, a professora Vitória me apresentou às demais professoras, me mostrou a escola, os funcionários... Todo o meu estágio foi vivenciado nessa escola, o que foi muito gratificante, visto que me sentia à vontade para “aprender a ensinar”.

Hoje, com todo o repertório teórico proporcionado pelo PROESF, penso muito sobre aquela situação de estágio e acredito que deveria argumentar com a professora sobre ela assinar toda a minha presença e dizer que o papel aceita tudo... penso ainda que deveria ter feito disso uma motivação para continuar meu estágio ali e fazer diferença, é como diz o provérbio popular “deveria botar a boca no trombone”. Mas, como fui educada pelos meus pais de forma bastante rígida e tradicional, aprendi que não se deve discutir com os mais velhos. Por isso, naquela época só me restou calar-me.

Completei o curso do Magistério decidida a sempre direcionar dois olhares para tudo na vida, como diz Leonardo Boffi...*todo ponto de vista é a vista de um ponto.*

3- A CAMINHADA RUMO À CONQUISTA

Iniciei a carreira do Magistério no ano de 1997, quando comecei lecionar através de uma portaria (como professora substituta). A escola que abriu as portas para o caminho de professora foi a EEPG “Prof.a. Sinésia Martini”. Ser professora substituta caracterizava um mundo novo e complexo, dar aulas ora em um lugar, ora em outro lugar e com isso várias escolas a percorrer...

Toda vez que o telefone tocava, uma euforia – por outro lado uma ansiedade tomava conta de mim, pois não sabia o que iria encontrar. Mesmo ciente de todos os prós e contras, fiquei subordinada a essa portaria durante aproximadamente dois anos. Como não conseguia cobrir nenhuma licença maior e nunca tinha certeza de um salário, desisti.

Em 1998 decidi trabalhar no comércio, atuando como vendedora em uma loja de calçados no *shopping* da cidade. Trabalhei ali por aproximadamente um ano e meio (novembro de 1998 até junho de 2000). Fiquei sem trabalhar até o fim do ano de 2002, quando retornei ao mesmo emprego, na mesma loja. Mas, naquele momento tudo começou mudar...

Havia prestado um concurso em 1998 da prefeitura de Americana, para o cargo de ADI (auxiliar de desenvolvimento infantil) e, como se passara muito tempo, nem me recordava ao menos a minha colocação. Por isso, mal acreditei quando chegou a convocação na casa dos meus pais. Então fui até a prefeitura, no dia indicado para aceitar a vaga, muito feliz por voltar a trabalhar na área da educação novamente.

Comecei o ano de 2003 trabalhando em creche, mas não tinha certeza como seria essa função (ADI), pois até então, não conhecia a rotina de uma creche. Foi assim que cheguei para trabalhar na Casa da Criança Juriti, com vontade de voar, e com receio do que lá me esperava. Entretanto, na creche encontrei uma realidade totalmente desconhecida para mim – bebês que chegam às 6h30 e vão embora às 16h30 – isso me surpreendeu!

Mas, com o passar dos dias, fui me encantando com a educação infantil. A educação na primeira infância é algo mágico, o educador não só educa mas cuida de quase todas as necessidades do aluno dessa faixa etária (de 0 a 3 anos).

Talvez, seja um ponto pelo fato de ainda não sermos reconhecidas como merecemos, pois ainda somos aos olhos de muitos - professoras, por outro lado, muitas pessoas nos consideram apenas babás.

Essa questão foi intensamente discutida em sala de aula, com base no texto de Maria Evelyn Pompeu do Nascimento (.), onde relata a educação infantil como parte integrante da educação básica.

Nós, educadores de creche, temos consciência sobre o nosso trabalho, sobre a “verdadeira” diferença entre creche e pré-escola (trata-se das especificidades de cada faixa etária). A discussão em sala de aula foi se aprofundando, pois existem dois movimentos políticos que “olham” para nossa categoria: os que nos tratam como professoras e os que nos tratam como babás. Mas, o que mais importa é a minha consciência de que sou professora, que realizo um trabalho tão importante quanto ao da professora-alfabetizadora, ou ainda da professora acadêmica... Através dos temas trabalhados durante o curso do PROESF, pude perceber e atestar que somos respaldadas pela lei federal como professora. Afinal, assim como toda professora, eu planejo e registro minhas atividades de acordo com um currículo previamente estudado para cada faixa etária, além de participar da elaboração e do Projeto Político Pedagógico da escola e realizar a avaliação dos meus alunos semestralmente. Assim, fica óbvio que o binômio educar e cuidar está presente na creche. Sei que “meus bebês” não são simples alunos, onde eu devo ensinar a ler e escrever – é muito mais abrangente o meu trabalho com eles, pois é sob meus cuidados que aprenderão a engatinhar, andar, estabelecer relações de afetividade, construirão laços, etc.

Trabalhar com a educação infantil, em creche é muito gratificante, embora não sejamos reconhecidas financeiramente e ainda não somos respeitadas pela função que exercemos.

3.1- RUMO AO VESTIBULAR

Sempre sonhei em cursar uma faculdade... mas se tratando da UNICAMP, me parecia que o sonho se tornara ainda mais distante!

Quando soube que poderia prestar o vestibular para o curso do PROESF da UNICAMP fiquei eufórica, pela possibilidade de realizar um sonho!

O sonho de me tornar uma universitária, ainda mais pela UNICAMP era fantástico. Porém, estava dentro de um contexto nada favorável: com um filho pequeno (um ano e meio de idade), o trabalho na creche, o papel de esposa e dona de casa que não poderia deixar de cumprir e falta de recursos financeiros para recrutar uma ajudante... Não imaginava como devesse proceder para conciliar tudo isso, caso fosse aprovada no processo seletivo.

Mesmo assim, decidi fazer esse investimento. Lembro-me o transtorno que foi para pagar a taxa de inscrição: pedi para minha irmã pagar a taxa de inscrição no banco e ela não conseguiu depositar o dinheiro corretamente na conta, então liguei para meu irmão Fabiano que estava em outra cidade, passei os dados para que ele fizesse o depósito (nesse dia estava trabalhando o dia todo e era o último dia do pagamento da taxa de inscrição).

As minhas colegas de trabalho ficaram tão ansiosas quanto eu, mas uma delas – a Adriana que já concluiu o curso do PROESF, me disse que me emprestaria todo o material de estudo, que me ajudaria... fiquei mais tranquila.

Ao chegar em casa, contei a novidade para meu marido que me pareceu mais aflito por pensar em cuidar do nosso pequeno filho sem a minha presença. Lembro-me de perceber que ele se acalmou quando eu disse: “Nem sei se vou passar...”

Foram dias de pouco sono, muitos livros e textos espalhados pela mesa, pela cama... mas cada dia crescia em mim a vontade de passar, pois me sentia revigorada ao ler aqueles textos e imaginava discutindo sobre autores, concepções, metodologias dentro da faculdade, imaginava como minha vida poderia ser enriquecida com todo o conhecimento que a UNICAMP poderia me proporcionar.

Estava em casa quando saiu a classificação, quando o telefone tocou e as minhas colegas de trabalho gritaram, do outro lado da linha, me parabenizando pela conquista. Fiquei perplexa diante da notícia, um misto de alegria, ansiedade e angústia tomaram conta dos meus pensamentos e eu quase não acreditava que tinha conseguido.

A família ficou toda eufórica, recebi abraços calorosos dos meus pais, irmãos, amigos... meu marido, Léo, ficou feliz apesar de sentir uma ponta de ciúmes e preocupação com os cuidados do nosso filho (esse, por sua vez ria de tudo).

3.2 A UNICAMP

Primeiro dia de aula! Que emoção! Cheguei no Pólo de Americana, com caderno novo, estojo etc. Tudo novo rumo a uma nova etapa da minha vida. Quantas expectativas, procura pelas colegas que prestaram o exame comigo... Alegria e preocupação.

Estava muito alegre por estar ali, fazendo parte da história da UNICAMP, por outro lado a preocupação com meu filho era uma constante.

Alegria essa que não foi abalada por saber diante de boatos e até da fala de um dos professores, em uma aula magna que entramos pela “porta dos fundos” da UNICAMP. Não sei o objetivo desse discurso, se fomos aprovadas em um processo seletivo tão rigoroso quanto outros elaborados pela instituição.

Confesso que esse curso foi muito bom para ampliar meus conhecimentos, melhorar o meu trabalho, já que a troca de vivências era constante em uma sala de aula repleta de educadores. Sei ainda, do incômodo e descontentamento de pedagogos que cursaram outra faculdade têm, ao perceber o olhar crítico que temos diante das mais variadas situações. Foi com uma rotina bastante “fechada” que consegui chegar à etapa final do curso, e aqui estou escrevendo meu Memorial de Formação para a conclusão do curso de Pedagogia.

Durante essa jornada, houve momentos que pensava em desistir do curso. Mas as palavras que minha mãe me disse no meu primeiro dia de estágio sempre me acompanharam e fizeram de mim uma pessoa perseverante e até persistente.

Muitas idéias foram mudando: despi-me de preconceitos e ampliei muito a minha visão de mundo através dos conteúdos trabalhados nas aulas de Multiculturalismo e Diversidade Cultural, ministrada pela professora Dalva (a qual tem toda a minha admiração pelo seu otimismo e bom humor na conduta das aulas). Durante suas aulas, foi-nos proporcionado a construção da idéia que as diferenças existem e que além de respeitá-las, podemos enriquecer o nosso trabalho fazendo “uso” das mesmas.

Compreendi, através da História da Educação, como e por quê a educação se encontra nos moldes de hoje. Através de uma linha do tempo, podemos compreender as etapas percorridas pela educação, bem como analogias e estudos minuciosos me fez compreender como se deu a educação brasileira e como foi dividida.

As disciplinas de Política Educacional, Educação Infantil e Educação de 0 a 6 anos, contribuíram muito com a minha mudança interior e exterior, e através delas consegui o respaldo de que precisava para dissipar todas as minhas inquietações e angústias vividas na minha prática pedagógica.

A disciplina de Educação e Tecnologia, ministrada pela professora Mirelli Santa Rosa, mudou minha concepção de tecnologia. Aprendi a lidar com o computador de uma forma básica, mas percebi a importância e a influência educativa que o computador e as tecnologias podem proporcionar ao educando.

As disciplinas de Teoria Pedagógica e Produção em História e Pesquisa Educacional proporcionaram o resgate da infância, com isso, percebo que parte do que sou foi construído por uma ideologia “lançada” no currículo escolar, nas metodologias utilizadas por meus professores, etc.

As aulas de Sexualidade – com a professora Juçara, foram decisivas na minha percepção sobre esse tema tão polêmico. Pude entender que a sexualidade não se trata somente de ato sexual, mas sim se trata de vida, de prazer, de gênero homem/mulher...

Em Psicologia e Sociologia, conheci minuciosamente grandes pensadores. Todos polêmicos, uns por pensar à frente de sua época, outros por proporem a ruptura de sistemas, outros ainda, por nos atentar sobre a ideologia que os poderosos nos fazem “engolir” através de valores (impostos por eles), de religião, da mídia etc.

Já com as aulas de Teoria Pedagógica e Produção em Matemática, ministradas pela professora Marilise, fizeram com que eu fosse capaz de me superar. Aprendi a utilizar materiais que até então desconhecia. A troca de vivências com as colegas foram essenciais para o nosso aprendizado e as aulas sempre foram muito ricas.

Quanto à Teoria Pedagógica e produção em Português, houve uma grande contribuição, na medida que percebemos em leituras e discussões, que o modelo de alfabetização seguido pela cartilha foi ultrapassado diante de um novo mundo que está diante de nós: novos modelos de família, sociedade, trabalho a até mesmo de escola. Esse mundo novo “reivindica” outras formas de se alfabetizar, inclusive utilizando-se do letramento que é uma nova postura do professor, do leitor.

Os textos foram polêmicos e os debates em sala de aula bastante acalorados. Muitas vezes, a discussão acerca de um tema acabava sendo interrompida por conta da empolgação

das alunas, mas inúmeras discussões se prolongavam por conta rigidez do professor, que não “volta atrás” diante de uma frase mal interpretada, uma palavra mal colocada. É o caso da professora Roselene, que demonstrou até certa superioridade na sua conduta e explanação, o que me motivava sempre a questionar, contestar e exigir mais de suas aulas. Infelizmente, a relação professor-aluno, nesse caso, se deu de forma negativa, visto a antipatia que ela tinha por mim, e que percebi em suas aulas.

Fazendo uso das palavras da professora Dalva, que nos disse no decorrer de suas aulas:

(...) devemos marcar nossos alunos, pelo amor ou pela dor, preferível que seja pelo amor. Mas se isso não for possível, que marquemos pela dor, porque ^[2]pior do que marcar pela dor, é passar em branco na vida de nossos alunos.

Com isso, percebo que fique marcada pela professora Rosilene... infelizmente, a marca deixada foi pela “dor” e isso marcou!

Contudo, hoje percebo que cada colega de classe, cada professor contribuiu bastante para que essas mudanças fossem consolidadas em mim. Essas mudanças foram processuais e sei que minhas idéias, minhas percepções, meu modo de agir não são estáticos, estamos sempre nos formando através das nossas vivências, das conseqüências que nossas decisões proporcionam...

Confesso que muitas vezes, essa mudança torna-se motivo para me entristecer, considerando o fato de estarmos imersos em uma sociedade injusta e que pratica o oposto do que propõe a reflexão do educador; como o respeito à diversidade cultural, econômica e social, a ética, o profissionalismo, a educação com o fim de formar o ser humano e não apenas para formar mão-de-obra...

Durante o curso, muitas vezes ouvi que depois que o professor fecha a porta da sua sala de aula, ele pode desenvolver o trabalho que acredita ser o melhor para seu aluno. Mas não podemos deixar de pensar no “outro lado da porta” que é composta por toda uma estrutura política, uma hierarquia a ser seguida. Não podemos “mandar” em nossa sala de aula, precisamos brigar pela mudança de todo o sistema de ensino, que não respeita o aluno como sujeito da educação, mas trata-o como objeto e produto da educação. Para que isso seja possível, precisamos ter atitudes questionadoras e reflexivas, conscientes que podemos

^[2] anotações da aula de Multiculturalismo, ministrada pela professora Dalva em 2003.

fazer a diferença, com diz Cortella (2000): *educar significa conduzir a um lugar diferente, daquele em que está.*

Nesse curso, encontrei muitas respostas que sempre busquei. Mas devo lembrar, que o que me fez diferente na medida em que ia construindo meu conhecimento dentro do curso, me fez sofrer certa perseguição por não conseguir me calar diante das falhas e incoerências do sistema escolar atualmente disposto. Apesar disso, não deixo de expressar todos os meus valores e almejar construir, juntamente com meus colegas e alunos, uma educação de qualidade.

Também sei que muito aprendi, porém ainda tenho muito que aprender, como diz Rubem Alves (...) *é preciso esquecer o aprendido que nos fez adultos para ver o mundo com novos olhos.*

4- A CRECHE

*O abandono não mata o jardim, o que mata o
jardim é o olhar indiferente de que por ele passa.*

Mário Quintana

Falar de creche requer muito conhecimento sobre sua história, seu caráter, sua especificidade... por isso é tão difícil falar de creche.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 confere novo status à educação de crianças de 0 a 3 anos. O atendimento em creches e pré-escolas passa a se agregar em um mesmo segmento da educação. O surgimento do termo Educação Infantil reflete este novo momento. No caso das creches, caracteriza-se como grande mudança, visto que era uma instituição estruturada e fiscalizada pela Secretaria da Saúde e provendo apenas a assistência de famílias carentes.

Infelizmente, a mudança de termos e nomenclaturas não reflete em uma mudança significativa na rotina e cotidiano das creches. No caso das creches pertencentes à rede municipal de Americana, a situação assemelha-se à anterior.

As educadoras de creche (Auxiliares de Desenvolvimento Infantil) se indignam ao perceberem o jogo de interesse que há no trato de seus direitos e deveres. Costumo dizer que as ADIs exercem o papel de professoras (quando se trata de exigir do seu trabalho) e o papel de babás (quando se trata de reconhecer seus direitos e legitimá-los), mas eu sempre pergunto ao “sistema”: Que tipo de babá planeja e avalia atividades, realiza reuniões de pais, ajudam a elaborar e por em prática o currículo escolar?

Desde o primeiro dia letivo, começamos a desenvolver nosso trabalho pedagógico, que se inicia com a construção do Projeto Político Pedagógico e que se estende no decorrer do ano, através de reuniões com os pais para a leitura da Ficha de Observação do Aluno, cursos de formação e capacitação, planejamento diário, planejamento anual (currículo) adequado à realidade e faixa etária de cada grupo, reuniões internas, projetos etc.

Quanto ao reconhecimento de todo esse trabalho, fica clara a posição da Secretaria de Educação do Município quando se cala ou se omite nos momentos em que reivindicamos melhoria salarial, direito ao recesso escolar, à faltas abonadas e melhor

condição de trabalho. Percebemos que, apesar de oficialmente sermos funcionárias da rede municipal de educação^[3] de Americana, somos assistencialistas. Essa afirmação fica evidente quando vimos que a creche é destinada apenas aos filhos de mães que trabalham, essa seleção anula o caráter educativo da creche, considerando que educação é direito de todos e não de um certo segmento. De acordo com Bondioli e Mantovani (1998) *a creche necessita de investimento em sua própria imagem...* Goulart de Faria (2005) afirma que balanços esclarecem a ausência de uma orientação nacional para as creches, por se tratar de uma especificidade da política e da pedagogia para a educação das crianças de 0 a 3 anos em creche, sendo que a pré-escola tem orientações nacionais desde 1914. As pesquisas mostram também que uma nova profissão está sendo criada – a educadora de primeira infância.

Durante uma das aulas magnas ministradas pela professora doutora Ana Lúcia Goulart de Faria, ela nos surpreende ao falar do quanto nós educadoras de creche somos importantes para o desenvolvimento das crianças, ressaltando que nós precisamos de uma pedagogia que nos ensina a lidar com nossos bebês, desde a fralda até o caminhar. Fiquei perplexa diante do seu domínio do assunto e, também diante do desinteresse de colegas que (são professoras do ensino fundamental) percebendo a ênfase do discurso, começaram com conversas paralelas...

Crianças, bebês, adultos...

Risos, choros, alegrias, angústias...

Expectativas, incertezas, certezas...

Conselhos, solidariedade, gritos...

Humildade, diálogos, frustrações, tudo isso em prol

Esperança de que um dia consigamos construir nossa própria identidade e com isso tenhamos valor!!!

Daniela Cristina Diehl de Oliveira



da

^[3] Grifo meu.

Os conhecimentos que utilizo para exercer minha profissão (ADI), onde a principal função se faz no binômio educar/cuidar estão em permanente construção, onde o “alicerce” é a teoria, as “paredes” são as trocas de experiências com minhas colegas de trabalho e o “teto” é a prática por mim exercida com meus pequenos. Com tudo isso, posso dizer que sejam esses os fatores que me levem a acreditar em uma educação de qualidade dentro da creche.

Concordo com Freire (1996) quando menciona

...e esta força misteriosa, às vezes chamada vocação, que explica a quase devoção com que a grande maioria do magistério, nele permanece, apesar da imoralidade dos salários. E não apenas permanecer, mas cumprir, como pode seu dever amorosamente acrescenta. (p. 142)

4.1- A AFETIVIDADE NA CRECHE

Ensinar e aprender são movidos pela paixão.
Paulo Freire

A creche é uma instituição que atende crianças de 0 a 3 anos e por isso é difícil imaginar o desenvolvimento do trabalho na creche sem afetividade. Esse tema é relevante, na medida em que contribui para esclarecer um grande equívoco entre os profissionais da educação infantil, já que acreditam que afetividade consiste em uma educação permissiva.

Ao longo do curso, aprendi como é importante trabalhar e possibilitar a construção da afetividade em nossas crianças, o que significa também trabalhar as regras e os limites.

A teoria de Wallon me proporcionou um maior entendimento sobre como é importante perceber a criança e seus processos de forma integrada, e como a afetividade contribui para o processo de ensino-aprendizagem. Entendi também sobre fatores que levam a criança agir de determinadas maneiras e como lidar com tais comportamentos de forma a conduzi-los, explorá-los ou até canalizá-los.

Nós, educadores, temos que permitir que as crianças expressem e manifestem seus sentimentos, intervindo de forma significativa e de modo que as crianças consigam aprender, ter autocontrole e compreensão de si e do mundo.

Ao longo do tempo, a afetividade vai se tornando independente dos fatores corporais. A capacidade de representação da criança, como a fala, a imitação e tantas outras manifestações, fazem com que variações nas disposições afetivas possam ser provocadas, agora, por situações abstratas e as idéias possam ser expressas por palavra. (Galvão, 2001: p. 62)

Quando a criança entra na creche, seu desenvolvimento adquire um novo rumo onde as interações entre educador e criança necessita se basear em um ambiente de respeito e diálogo, onde a solidariedade e igualdade se façam presente a todo instante. Pois, ao entrar na creche, deixa a exclusividade do ambiente familiar para se agregar em um novo ambiente, onde ela terá que se adaptar e se relacionar com diversos adultos e crianças, ampliando suas relações pessoais.



Em curso de capacitação, oferecido pela Secretaria de Educação em 2004, o filósofo José Auri Cunha diz que educador de creche deve estar consciente que além de se preocupar com seu trabalho pedagógico, ele deve lembrar de que suas atitudes refletem e afetam o desenvolvimento da personalidade da criança.

Cunha também nos diz que esse ambiente (a creche) deve propor a construção de regras; de valores como respeito, diálogo, amizade, solidariedade, para que assim a criança sinta que pertence a esse ambiente em que está inserida. A postura do educador, para a construção dessas regras e valores deve ser amorosa, longânime, cautelosa e crente no aprendizado dessa criança.

Sabemos que essa relação afetiva professor-aluno, aqui denominada educador-criança, ganhou importância nos dias atuais, já que a escola tem dividido com a família cada vez mais cedo a tarefa de cuidar das crianças.

Partindo das idéias de Paulo Freire (1989) e Galvão (1995), não nos resta dúvida que os primeiros contatos com a instituição escolar definem se a criança terá ou não uma boa convivência neste novo ambiente. A preocupação em cativar as crianças é positiva, mas por outro lado o educador não deve tentar esconder sentimentos negativos que possam ter em relação as suas crianças. Já que o magistério muitas vezes é visto como um sacerdócio e não como profissão.

Ainda hoje, há uma falsa imagem de que todos os professores (educadores) amam intensamente seus alunos (crianças) ou vice-versa. Mas não devemos nos deixar enganar, pois a convivência do cotidiano, trata-se de uma relação emocional intensa e sabemos que todas as relações intensas geram conflitos.

Ressalto que a proximidade com as crianças, proporciona ao educador a chance de conhecê-los profundamente e através deste fator, avaliar o desempenho e as dificuldades delas. Assim fica claro porque manter uma postura autoritária é ruim, mas perder a autoridade também não é nada bom. Por isso cabe a cada educador achar o meio termo destas posições e lembrar sempre que também já foi criança e pensar se a atitude que irá tomar com relação à criança é adequada.

Sabemos, também, que a relação entre educador e criança é um universo complexo, onde ver e rever nossas atitudes se faz num exercício contínuo de reflexão, para que assim possamos fazer um balanço do que está bom e o que pode melhorar...

4.2- A IMPOTÊNCIA DO BRINCAR

Quando uma criança brinca, joga e finge, está criando em outro mundo, mais rico e mais belo, mais cheio de possibilidades e invenções do que o mundo onde de fato vive.

Marilena Chauí

Na creche, as crianças brincam constantemente. Sendo assim, nós educadores precisamos saber e entender porque o brincar é muito importante para o pleno desenvolvimento da criança. Foi presenciando as brincadeiras das crianças na creche, que percebi o quão era importante para elas “penetrarem” no mundo adulto, através do faz-de-conta.

O faz-de-conta é para toda vida, às vezes até mesmo os adultos imaginam, sonham, fazem de conta que...é no faz-de-conta que tudo é possível, desde a realização de um desejo até a representação fidedigna da sua vida familiar, escolar etc.

De acordo com Santos (1999), o jogo simbólico desempenha um papel fundamental para a criança, um meio de expressão própria que lhe permite resolver conflitos que surgem no mundo adulto.



Observando as crianças na creche, percebi que mesmo as crianças menores, com aproximadamente um ano e dois meses, já começam a reproduzir, imitar ações e situações que vivenciaram como: ninar a boneca, dar-lhe “papá”, “ler” uma revista etc.

Outra possibilidade do faz-se-conta, é sua capacidade de proporcionar à criança a compreensão do mundo tal qual ele é, uma vez que nesta brincadeira a criança é protagonista deste mundo imaginário, conseguindo conduzi-lo à sua própria maneira e estabelecendo relações com o mundo real.

Quando Vygotsky se refere ao papel do brinquedo, sua abordagem privilegia a brincadeira de faz-de-conta, onde considera o imaginário importante para o desenvolvimento da criança. Mas além de ser uma situação imaginária, o brinquedo também é uma atividade regida por regra (...) *no brinquedo a criança comporta-se de forma mas avançada do que nas atividades da vida real e também aprende a separar objeto e significado.* (Oliveira, 1997: p. 67)

Através do brinquedo, a criança se projeta nas atividades desenvolvidas pelos adultos, procurando em suas imitações, ser coerente com o papel desempenhado por ela. Então, enquanto brincar as crianças se desenvolverem fisicamente e intelectualmente, seguindo regras ela se destaca como um indivíduo adulto.

Durante as brincadeiras, as crianças satisfazem seus desejos e vontades, que ainda não foram realizadas no seu mundo real. Quando a criança brinca, ela se solta, fica feliz, age no mundo que é dela, criando assim sua própria cultura. Por isso, podemos dizer que até mesmo a criança pequena é produtora de cultura.

Portanto, não só podemos, mas devemos utilizar a brincadeira que as crianças apreciam para introduzir conteúdos significativos para sua faixa etária, sabendo que elas terão a capacidade de sintetizar o conhecimento ao longo da brincadeira.

A observação, a imitação e o brincar são atividades de extrema importância para o desenvolvimento da criança, onde através da imaginação e fantasia presentes na brincadeira do faz-de-conta, são elementos fundamentais para que a criança desenvolva sua autonomia. Numa brincadeira de “escolinha”, por exemplo, em que há adultos e crianças e as atividades correspondem com a que ocorrem dentro de uma sala de aula real. O que na vida real passa despercebido, como a consolidação das regras construídas, durante o brincar, é

transparente e contribui para que a criança se sinta parte integrante do “universo” em que vive, entendendo os diversos papéis que desempenha.

Sendo assim, nós educadores de creche, devemos promover atividades que favoreçam o envolvimento das crianças em brincadeiras, principalmente as que possibilitam o uso do faz-de-conta

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de toda minha vida construí conceitos, valores e conhecimentos que foram de importância decisiva na minha carreira, até o momento de cursar o PROESF. Sei que muitas das minhas considerações precisam ser superadas e sei também que tive transformações significantes e que me levaram a ser uma profissional mais compromissada com a educação.

Durante o curso, tive momentos de profunda reflexão sobre qual o meu papel dentro da creche e percebi que não posso substituir a mãe da criança, nem pensar que a criança está inserida naquele meio por que é carente. Na verdade, a criança está na creche porque é um direito seu, assegurado por lei federal. Portanto, devo dar-lhe condições de refletir sobre sua posição na sociedade, de forma a querer transformar-se.

Esse trabalho pode ser feito conjuntamente com a família, que geralmente, tem sede de dignidade, de verdade, de compreensão. Sei que não posso fazer uma revolução nessa sociedade que vivo, mas posso fazer uma micro revolução, começando pelos meus pares, meus alunos, a comunidade que me cerca.

Acredito que a educação infantil pública pode ser feita com qualidade, alheia aos ventos políticos que ora nos sopram para lá, ora para cá... entendo que a construção do caráter do indivíduo se dê nessa fase, como assim foi comigo. Infelizmente, o “mundo adulto” não justo como nós "ensinamos" às nossas crianças, por isso encerro esse memorial com a letra de uma música que expressa tudo o que penso sobre o que aprendi e o que encontrei ao longo da minha história.

Somos Quem Podemos Ser (Engenheiros do Hawaii)

Um dia me disseram
Que as nuvens não eram de algodão
Um dia me disseram
Que os ventos às vezes erram a direção
E tudo ficou tão claro
Um intervalo na escuridão
Uma estrela de brilho raro
Um disparo para um coração

A vida imita o vídeo
Garotos inventam um novo inglês
Vivendo num país sedento
Um momento de embriaguez

Somos quem podemos ser
Sonhos que podemos ter

Um dia me disseram
Quem eram os donos da situação
Sem querer eles me deram
As chaves que abrem esta prisão
E tudo ficou tão claro
O que era raro ficou comum
Como um dia depois do outro
Como um dia, um dia comum

A vida imita o vídeo
Garotos inventam um novo inglês
Vivendo num país sedento
Um momento de embriaguez

Somos quem podemos ser
Sonhos que podemos ter

Um dia me disseram
Que as nuvens não eram de algodão
Um dia me disseram
Que os ventos às vezes erram a direção

Quem ocupa o trono tem culpa
Quem oculta o crime também
Quem duvida da vida tem culpa
Quem evita a dúvida também tem

Somos quem podemos ser
Sonhos que podemos ter

6- BIBLIOGRAFIA

BASTEKI, Paulo. *Casa das Frases*. Disponível no site: <http://hpfrases.hpg.ig.com.br/pensamentos.htm> . Acesso em maio, 2005.

BONDIOLI, Anna; MANTOVANI, Susanna (orgs). *Introdução*. In:_____. Manual de Educação infantil de 0 a 3 anos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998, 9ª ed. (p. 13-37)

CORTELLA, M. S. *Humanidade, cultura e conhecimento*. In: A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos. São Paulo: Cortez, 2000.

FARIA, Ana Lúcia Goulart; MELLO, Sueli Amaral (orgs). *Linguagens infantis: outras formas de leitura*. Campinas: Autores Associados, 2005. (Coleção Polêmicas do nosso tempo, 91)

FARIA, Ana Lúcia Goulart; PALHARES, Marina Silveira (orgs). *Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios*. Campinas: Autores Associados, 2005. (Coleção Polêmicas do nosso tempo, 62)

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, 19ª ed.

_____. *Pedagogia da autonomia- saberes necessários e prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Izabel. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis: Vozes, 1995 (Educação e conhecimento)

OLIVEIRA, Marta Kohl. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 2003.

ROSSETI-FERREIRA, Maria Clotilde *et alli*. *Os fazeres na educação infantil*. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. *Atenção! Crianças brincando!* In: CUNHA, Susana Rangel Vieira (org.). *Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

UNICAMP, discussões dos textos utilizados em sala de aula, no curso de Pedagogia do PROESF. Notas de aula.

WALLON, Henri. *As origens do pensamento da criança*. São Paulo: Monole, 1988.